

A escrita autobiográfica de Maura Lopes Cançado como forma de resistência ao desaparecimento precoce da mulher na sociedade brasileira

The Autobiographical Writing of Maura Lopes Cançado as a Form of Resistance to the Early Disappearance of Women in Brazilian Society

Autoria: Tamiris Tinti Volcean

 <https://orcid.org/0000-0003-0663-8702>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniae.2021.181332>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniae/article/view/181332>

Recebido em: 26/01/2021. Aprovado em: 26/06/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

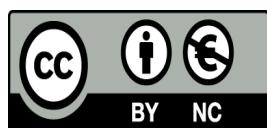
Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniae>.  [fb.com/opiniae](https://www.facebook.com/opiniae)

Como citar (ABNT)

VOLCEAN, Tamiris Tinti. A escrita autobiográfica de Maura Lopes Cançado como forma de resistência ao desaparecimento precoce da mulher na sociedade brasileira. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 198-213, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniae.2021.181332>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniae/article/view/181332>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquantos que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

a escrita autobiográfica de maura lopes cançado como forma de resistência ao desaparecimento precoce da mulher na sociedade brasileira

The Autobiographical Writing of Maura Lopes Cançado as a Form of Resistance to the Early Disappearance of Women in Brazilian Society

Tamiris Tinti Volcean¹

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.181332>

¹ Tamiris Tinti Volcean é jornalista, pedagoga e mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" e doutoranda em Literatura Brasileira pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. E-mail: tamirisvolcean@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0663-8702>.

Resumo

O presente artigo analisa a obra autobiográfica *Hospício é Deus: diário I* (1965), de Maura Lopes Cançado, à luz dos conceitos de *condição* e *ambivalência sujeito-objeto* presentes n'*O segundo sexo* (2009), de Simone de Beauvoir. Para que o percurso analítico pudesse ser viabilizado, utilizou-se Philippe Lejeune (2008) como principal referencial teórico na conceituação da autobiografia. A análise foi dividida em três momentos, sendo o primeiro destinado à contextualização dos conceitos de Beauvoir e ao desenvolvimento de sua escrita autobiográfica. Posteriormente, inicia-se o diálogo entre as discussões propostas n'*O segundo sexo* e a gênese da autobiografia na vida de Maura Lopes Cançado, com ênfase para o papel das narrativas em primeira pessoa na transformação de sua *condição* no contexto social ao qual estava inserida. Por fim, a escrita autobiográfica é apresentada como uma forma de resistência ao silenciamento e ao desaparecimento da perspectiva feminina em uma sociedade patriarcal. Dessa forma, pretende-se demonstrar como a publicação do diário autobiográfico *Hospício é Deus: diário I* inaugurou a autobiografia feminina neste formato e contexto no Brasil, além de marcar a quebra do paradigma da superficialidade e futilidade imposto pelo patriarcado às narrativas em primeira pessoa a partir da perspectiva feminina.

Palavras-chave

Autobiografia. Maura Lopes Cançado. Simone de Beauvoir.

Abstract

The present article analyzes the autobiographical daily *Hospício é Deus: diário I* (1965), by Maura Lopes Cançado, from the concepts of *condition* and *ambivalence subject-object* present in *O segundo sexo* (2009), by Simone de Beauvoir. In order that the analytical path could be made viable, Philippe Lejeune (2008) was used as the main theoretical reference in the concept of autobiography. The analysis was divided into three moments, the first being aimed at contextualizing the concepts of Beauvoir and the development of his autobiographical writing. Subsequently, a dialogue begins between the discussions proposed in *O segundo sexo* and the genesis of autobiography of Maura Lopes Cançado's life, with an emphasis on the role of first-person narratives in transforming her *condition* in the social context to which she was inserted. Finally, autobiographical writing is presented as a form of resistance of the female perspective in a patriarchal society. Thus, it is intended to demonstrate how the publication of the autobiographical daily *Hospício é Deus: diário I* start off the female autobiography in this format and context in Brazil, also marking the interruption of superficiality and futility imposed by patriarchy on first-person narratives from the female perspective.

Keywords

Autobiography. Maura Lopes Cançado. Simone de Beauvoir.

A voz feminina ecoa carregada de silêncios, traduzindo, quando se torna pública, o não dito na esfera privada, ou seja, tudo aquilo relacionado unicamente à condição

de ser mulher, que, muitas vezes, mostra-se insignificante e fútil aos olhos de uma sociedade estruturada a partir de um discurso patriarcal dominante e de uma leitura de mundo feita majoritariamente por uma perspectiva masculina.

Na literatura e, mais especificamente, dentro dos limites do gênero autobiográfico, a escrita das mulheres é posta ainda mais à margem, uma vez que o testemunho feminino é frequentemente menosprezado, julgado como falso e descredibilizado por argumentos generalizadores, que ignoram a subjetividade intrínseca a nós, seres humanos, independentemente do gênero. Em um artigo publicado na revista *Les Temps Moderns*, um ano após a sua fundação, 1946, Simone de Beauvoir afirma que, diferentemente das obras filosóficas, a escrita literária, ficcional ou autobiográfica, permitia-lhe expressar “experiências imaginárias tão complexas e perturbadoras quanto as que vivemos” (BEAUVOR, 1965, p. 260)², justificando, assim, sua predileção em escrever romances e diários para descrever o processo subjetivo e singular ao qual o indivíduo é submetido para se tornar ele mesmo.

Durante grande parte de sua trajetória filosófica e literária, a produção de Beauvoir e ela mesma foram alvo de críticas negativas, que desvalidavam a originalidade de seus escritos, subjugando-os à sombra das ideias de Jean-Paul Sartre. Pode-se dizer que, seguindo a lógica da falácia *ad hominem*, argumento que nega o conteúdo para atacar a moral ou o caráter de seu autor, as críticas direcionadas à Beauvoir são *ad feminam*, ou seja, baseadas simplesmente no fato de ela ser uma mulher que, em sua escrita, demonstra uma recusa à perpetuação da feminilidade e do conceito de ser mulher imposto pela sociedade patriarcal (KIRKPATRICK, 2020).

Em sua biografia mais recente, publicada por Kate Kirkpatrick (2020), a autora afirma que Beauvoir foi acusada de tender a uma inspiração narcisista e egocêntrica por, além dos romances, ser adepta, também, da escrita autobiográfica com a finalidade de organizar suas memórias e relatar as próprias experiências como forma de descrever a relação do indivíduo com o mundo que o rodeia. No entanto, a autobiografia e as narrativas do eu são, desde *As confissões* (1792), de Jean-Jacques Rousseau, vistas como um campo fecundo para o desenvolvimento de uma busca memorialística e da descoberta identitária. No caso das autoras mulheres, em especial, o discurso autobiográfico é ainda mais significativo, podendo ser considerado um ato de resistência ao apagamento constante das perspectivas femininas, uma vez que o enredo passa a ser narrado por vozes que, internamente, experimentaram e vivenciaram em primeira pessoa as diferentes condições do ser mulher.

O segundo sexo (2009), *magnum opus* de Beauvoir, foi, inclusive, um dos pontos de partida para os desdobramentos dos debates iniciais e oficiais sobre a autobiografia, em âmbito acadêmico. A obra traz, originalmente, um intenso questionamento em torno das características da vida privada, tornando temas como a subjetividade humana e a consequente individualidade do “eu”,

² BEAUVOR, Simone. Literatura e Metafísica. In: O existencialismo e a sabedoria das nações. Tradução de Bruno da Ponte e Manuel de Lima. Lisboa: Editorial Minotauro, 1965. (Original: *Littérature et Métaphysique*. *Les Temps Modernes*, v. 7, Paris, abr., 1946.)

independentemente das hierarquias de gênero propostas à época, assuntos que começam a ser discutidos no âmbito cultural, literário e acadêmico.

Partindo do pressuposto de Costa Lima em *História, Ficção e Literatura* (2006), de que a caracterização do gênero autobiográfico depende da noção de individualidade, ou seja, que se reconheça a existência de um “eu” enquanto indivíduo, têm-se os estudos e debates feministas das décadas de 50 e 60 como uma fonte histórica intensamente apropriada por aqueles que se interessavam em discutir a definição da autobiografia como um gênero do discurso (VOLCEAN, 2019, p. 34).

George Gusdorf, filósofo francês, foi autor de uma das posições conceituais e acadêmicas inaugurais sobre autobiografia, quando, em 1948, lança a obra *La découverte de soi*, incitando reflexões iniciais acerca da literatura como ferramenta de autoconhecimento, realizando uma incursão memorialística pelas lembranças de um passado pessoal, refazendo o percurso existencial às avessas. Mais radical que Costa Lima, Gusdorf afirma que o *ato autobiográfico* é historicamente e culturalmente datado, apresentando, como ponto de partida o final do século XVIII, o mesmo tomado como referencial cronológico para apresentação deste panorama autobiográfico a partir do ponto de vista literário. Vale lembrar, neste momento, que o termo *autobiography* grafado desta maneira apareceu, pela primeira vez, em 1809, em um artigo publicado pelo historiador Robert Southey na revista britânica *Quartley Review* (VOLCEAN, 2019, pp. 51-52).

Neste mesmo período transicional entre décadas, Maura Lopes Cançado também enxergou a escrita como um caminho para organizar o seu ponto de vista dos acontecimentos que perpassaram a sua própria vida. No diário autobiográfico intitulado *Hospício é Deus: diário I* (1965), que relata um determinado período de sua internação no hospital psiquiátrico Gustavo Riedel, localizado no Engenho de Dentro, zona norte do Rio de Janeiro, a autora compartilha aspectos de seu microcosmo pessoal que, mais tarde, ultrapassariam os limites da primeira pessoa para, então, impactar a discussão pública acerca da luta antimanicomial e da Reforma Psiquiátrica no Brasil.

Além disso, é preciso ressaltar que a autora de carreira breve, com apenas dois livros publicados, sendo o segundo uma coletânea de contos, *O sofredor do ver* (1968), fez parte da gênese da literatura autobiográfica feminina no Brasil, gênero, até a década de 60, composto predominantemente pela produção de autores homens e, sobretudo, ligado ao contexto do cárcere, que é terreno fértil para o desenvolvimento de narrativas em primeira pessoa na literatura contemporânea. Como exemplo, podemos citar *Memórias do Cárcere* (1953), de Graciliano Ramos, indispensável para compreender a produção de sentido criada a partir da leitura de um diário íntimo, mesmo formato de escrita adotado por Cançado.

De acordo com José Carlos Sebe Bom de Meihy (1998), os escritos de Maria Carolina de Jesus, lançados no início da década de 60, também fazer parte desta gênese, compondo o gênero do diário íntimo e reunindo características da narrativa autobiográfica, memorialística e de testemunho. Ao publicar *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em 1960, a autora também enfrenta os obstáculos impostos pela marginalização da literatura produzida por mulheres que, a partir de uma perspectiva interseccional, coloca Maria Carolina de Jesus no papel de dupla marginalização das mulheres negras, aproximando sua produção literária à literatura marginal, uma expressão artística caracterizada pela produção advinda de minorias sociais.

A visão crítica diante da autobiografia no século XX mostra que a inserção da perspectiva feminina no campo literário, sobretudo aquela relacionada às reivindicações pela condição de sujeito nas “escritas de si” produzidas por mulheres, desestabilizou a hierarquização de gênero que permitia somente veiculação da visão masculina de mundo. “Esta visão crítica enfraqueceu a consolidação da mulher na posição de objeto do desejo, da perdição ou da salvação do sujeito masculino em busca de sua identidade” (SMITH, 1993).

Custódio (2014), sobre a produção literária de Maura, afirma que:

Na literatura diarística de autoria feminina no Brasil, embora encontremos muitos nomes importantes, com leitores numerosos e vastos trabalhos acadêmicos sobre a produção literária do gênero, a questão da restrita presença de publicações de produções de autoria feminina louca, entretanto, não esconde que são ainda poucas as escritoras diagnosticadas loucas que têm acesso ao espaço literário (CUSTÓDIO, 2014, p. 21).

A escrita da autora evidencia e corrobora um conceito apresentado por Beauvoir n’*O segundo sexo*, o de *condição* da mulher, endossando, dessa forma, o diálogo entre os debates que protagonizaram a segunda onda do Movimento Feminista, muitos deles derivados da obra de Beauvoir, e a estabilização de certas características dos enunciados autobiográficos que os possibilitam estar agrupados em um gênero do discurso.

Conforme apresentado anteriormente, *O segundo sexo*, ao reivindicar o direito à subjetividade feminina, em contraponto às universalizações dos mitos da feminilidade, que tendem a anular as diferenças, abre espaço para que se discuta a autobiografia enquanto gênero discursivo, a partir da perspectiva da mulher como sujeito ativo de sua história e não mais como mero objeto submisso à devoção de uma figura masculina.

Para Beauvoir, a *ambivalência sujeito-objeto* é uma condição inerente a todas as relações interpessoais; ora somos sujeitos ativos e livres, ora somos objetificados pelo Outro que é posto como nosso interlocutor. N’*O segundo sexo*, a filósofa traz reflexões existencialistas centradas neste Outro, que é nosso interlocutor em algum momento da vida, e que participa da definição de nossa *condição* enquanto indivíduos. Ou seja, o conceito de *condição*, também conhecido como *situação*, expressa o lugar social de indivíduos ou de coletividades.

Afirmando, em frase célebre, que ser mulher não é destino dado, mas, sim, uma consequência de tornar-se sujeito diante da conjuntura histórica e social e dos diferentes estágios de vida em que se encontra, Beauvoir modificou a perspectiva filosófica que vigorava à época. Em sua análise, ela identificava as mulheres aprisionadas em uma *condição* de inferioridade, o que limitava suas ações e lhes reservava um lugar secundário, daí o título da obra, *O segundo sexo*.

Em entrevista intitulada *Porquoi je suis féministe?* para a revista *Questionnaire*, em 1975, Beauvoir evidencia que as diferenças biológicas entre mulheres e homens não são a causa da submissão feminina. A seu ver, a *condição* feminina é a grande responsável pela exploração, dominação e resignação da mulher, o que significa que ambos os sexos possuem as mesmas capacidades intelectuais, mas, ainda assim, o imaginário coletivo é condicionado a impor limites baseados apenas no gênero. Neste caso, colocam a mulher em uma *condição* específica, limitante e responsável pela restrição de ações necessárias ao sujeito ativo, que caracteriza o conceito de *condição* de objetivo estruturado a partir da passividade descrito pela autora.

A partir de 1949, uma década antes de Maura começar a registrar suas memórias e reflexões em *Hospício é Deus: diário I*, abriu-se, portanto, uma brecha, uma ruptura no discurso hegemônico masculino, para que se pudesse enxergar uma multiplicidade de rotas alternativas para o “tornar-se mulher”, apresentando uma realidade em que a mulher não se encontra em posição inferior ao homem, mas, sim, capacitada para ser agente produtora das áreas do conhecimento e autoras nas inúmeras formas de expressões artísticas.

Por que as mulheres não contestam a soberania do macho?
Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o Outro que se definindo como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio (BEAUVIOR, 2009, p. 18).

Quando transposto para a realidade de Maura, na década de 50, o conceito de *condição* defendido por Beauvoir em 1949 pode ser vislumbrado de forma experimental, uma vez que pressupõe que ao considerar as condições materiais e morais em que a mulher se encontra, há a possibilidade de transformá-las. É neste ponto que a generalização do ser mulher perde o sentido.

Desde a época da infância, a Maura já não se encaixava nos padrões requisitados pela oligarquia mineira da qual fazia parte seu núcleo familiar, que a sufocava com suas imposições e regras, recusando os caminhos convencionais que lhe foram oferecidos. Ou seja, era uma figura que extrapolava os limites da *condição* de mulher que seu círculo social impunha às demais representantes do sexo feminino.

Oitava filha de um rico fazendeiro mineiro, Maura Lopes Cançado casou-se aos 14 anos de idade e separou-se aos 15, para o horror de sua família conservadora. Do matrimônio, nasceu Cesarion Praxedes, único filho da escritora,

que nunca se dedicou à maternidade com devoção, como era esperado (VOLCEAN, 2019, p. 70).

A mineira tinha fascínio pela figura paterna, deixando, antes de iniciar a escrita do diário propriamente dito, sua admiração e respeito expostos na abertura de *Hospício é Deus: diário I* (1965), apesar de relatar com sinceridade os episódios agressivos protagonizados pelo progenitor da família: “Papai era generoso, bom e honesto. Profundamente honesto, lúcido e inteligente. Acredito que tivesse uma vida solitária e incompreendida” (CANÇADO, 1965, p. 10).

Este fascínio, aliás, foi o motivo pelo qual, após a morte do pai, que era temido e respeitado como o homem mais rico e valente da região, sua vida ganhou outro rumo. Sentindo-se sozinha e insegura, aos 18 anos, usando o nome da irmã, Judite, internou-se pela primeira vez em um sanatório para doentes mentais, em Belo Horizonte, na Casa de Saúde Santa Maria, como se o ato fosse o início de uma grande aventura.

Sem a figura que representava o poder, a partir do ponto de vista social, Maura não se sente mais tentada a permanecer no interior de Minas Gerais, partindo em busca de contato próximo com perfis sociológicos distintos, que pudesse, de certa forma, transformar sua visão de mundo.

Essa transição, marcada pela saída de Maura de São Gonçalo do Abaeté, é um fator que influenciará diretamente sua produção autobiográfica, uma vez que, graças às vivências posteriores em grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, além do esgotamento da herança deixada pelo pai, que a coloca em um lugar de fala social distinto daquele de abundância monetária ocupado até seus 18 anos, a autora encontrará brechas no patriarcalismo para se fazer ouvida por meio da escrita autobiográfica (VOLCEAN, 2019, pp. 70-71).

É importante lembrar que Maura começa sua carreira literária dentro do hospício. Traçando um paralelo com o conceito apresentado n’*O segundo sexo*, vê-se, nesta predileção pela produção literária autobiográfica da autora, uma tentativa de transformar a *condição* de mulher em que se encontrava; autodenominada como louca, consciente de seus desejos sexuais e de suas vontades enquanto sujeito social, crítica ao se enxergar como objeto em suas relações interpessoais e, sobretudo, com ânsia de encontrar um significado para uma vida que não seguiu um roteiro socialmente pré-determinado.

as definições sociais de sujeito e seus impactos na autobiografia de maura lopes cançado

A escrita autobiográfica de Maura Lopes Cançado, assim como a possibilidade de relatar experiências em primeira pessoa, só foi possível graças às transformações da *condição* moral e social de mulher pelas quais a autora foi submetida ao longo de sua vida. Ao afirmar que *Hospício é Deus: diário I* (1965) é

considerado uma obra pioneira nas escritas autobiográficas femininas no Brasil, pode-se dizer que, a partir de sua concretização enquanto obra literária, Maura é vista, também, como sujeito ativo na construção de seu próprio discurso, levando-se em consideração a ambivalência humana na relação sujeito-objeto que, no discurso patriarcal, é negada à mulher, restringindo-a à condição de objeto.

Na definição tradicional de Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet* (2008), a autobiografia é uma “narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p.14). No entanto, Maura Lopes Cançado, na década de 60, extrapola a conceituação tradicional de Lejeune, quando reconhece o seu papel social enquanto escritora e, por isso, desvincula a ideia de autobiografia como sendo um espaço literário exclusivo para o partilhar de experiências e sentires pessoais.

Ao transformar sua *condição* por meio de relatos escritos, compartilhando sua rotina no hospital psiquiátrico nos moldes de um diário confessional, Maura demonstra consciência da excepcionalidade de sua voz ativa, privilégio não estendido às demais pacientes encarceradas, que, constantemente, eram invisibilizadas e silenciadas com a pretensão de que suas memórias, vivências e experiências não fossem acessíveis para além dos limites do encarceramento. Afinal de contas, pressupunha-se que inquietações e questionamentos femininos não fossem pautas relevantes para debates públicos, sobretudo se estas mulheres enunciadoras fossem diagnosticadas com distúrbios mentais e taxadas, formalmente, de loucas.

Há, em alguns trechos do diário, a intenção de rememorar internações anteriores àquela do Gustavo Riedel, quando Maura ainda dispunha do dinheiro proveniente da herança de seu pai. Nota-se, nestes trechos, que a *condição* e a *situação* da autora são intensamente impactadas pelo esgotamento de suas reservas financeiras.

Em 16 de janeiro de 1960, Maura afirma que:

Reli umas páginas do meu diário em que falo da minha internação na Casa de Saúde do Alto da Boa Vista. Comparação entre o tratamento de lá e o daqui: lá nunca fui “castigada” e, aqui, por uma palavra desagradável de nossa parte, guardas e médicos tomam verdadeiro ódio da gente. Minha sorte em possuir dinheiro para comprar a tolerância dos que lidavam comigo naquele tempo. Transferida do sanatório do Alto da Boa Vista, no estado em que já descrevi, o outro sanatório pareceu-me mortal. Estivera cercada de carinho e luxo, via-me agora presa, sem a menor possibilidade (CANÇADO, 2015, p. 150).

Assim, partindo do conceito da *ambivalência sujeito-objeto* defendido por Beauvoir, pode-se dizer que a escrita autobiográfica foi um fator decisivo para que a autora em questão se afastasse do paradigma que perseguia aquele grupo de mulheres enclausuradas no Gustavo Riedel, ocupando o lugar de sujeito enunciador do discurso.

É claro que, de acordo com a ambivalência, Maura não abandona completamente o posto de objeto em suas relações sociais e, por isso, muitas vezes sofre abusos dos médicos, das enfermeiras e até mesmo de suas companheiras no hospital psiquiátrico. Entretanto, é importante ressaltar que a ambivalência é um privilégio, uma vez que a autora *Hospício é Deus: diário I* (1965) é a única paciente do Gustavo Riedel a ter suas críticas ouvidas.

Ao fazer uso do tom denunciativo em seus escritos, Cançado expande as fronteiras significativas do gênero autobiográfico e atribui à construção do diário íntimo uma função que, histórica e cronologicamente, mostrou-se tímida no discurso em primeira pessoa; a função social da experiência a partir da dimensão coletiva, ainda que quem narre a tenha vivido de modo obviamente particular (VOLCEAN, 2019, p. 68).

Além de denunciar aspectos do sistema manicomial decisivos para uma futura Reforma Psiquiátrica, a autora preocupou-se em narrar, nas páginas de seu diário, acontecimentos protagonizados por outras pacientes do hospital psiquiátrico, apresentando ao leitor outras personagens daquele entorno. Essa característica de sua escrita autobiográfica é mais um fator que comprova que a obra *Hospício é Deus: diário I* (1965) extrapola os limites estabilizadores da autobiografia enquanto gênero do discurso propostos por Philippe Lejeune (1971), uma vez que, nestes momentos, Maura, apesar de seguir com a narrativa em primeira pessoa, prioriza a experiência de outras mulheres, contribuindo para que tenham voz ativa por meio de seu enredo.

Dessa forma, possibilita que outras perspectivas femininas, naquele contexto de cárcere e enclausuramento, sejam registradas por meio da escrita e, assim, percam o caráter efêmero e irrelevante, sendo perpetuadas para além da existência de suas enunciadoras. Vale lembrar que o mesmo acontece em seu livro posterior, *O sofredor do ver* (1968), quando, em alguns contos, a autora trabalha a instância da narrativa da personagem a partir do protagonismo de suas companheiras, como o exemplo do conto *No quadrado de Joana*, publicado também no *Suplemento Literário do Jornal do Brasil*.

Dona Benedita é velhíssima e completamente surda. Passa os dias sentada em uma poltrona, mas se locomove quando quer. Para quebrar a monotonia de sua vida, quieta, calada – onde os sons não penetram nunca, destaca qualquer pessoa, nas horas mais inesperadas e impróprias. Ela se “manifesta” mais ou menos cinco ou sete vezes por dia – em altos brados, e não escolhe a vítima (quase sempre sou eu ou Durvalina). Tira o chinelo do pé e agride, se a “escolhida” não se afasta depressa. Fala mais ou menos dez minutos (acusá, ameaça etc.), depois, senta-se, indiferente a tudo que a cerca. Como é melancólica a velhice.

Para que viver tanto? (Opto pela eutanásia) (CANÇADO, 2015, p. 81).

No *status* social de sujeito, Maura inaugura uma narrativa autobiográfica que reverbera não apenas a sua voz, enquanto autora, personagem e protagonista das páginas de seu diário, conforme descrito na conceituação de Philippe Lejeune (1971), mas, também, a voz das mulheres que, sem a possibilidade de se apoiar na escrita como caminho para se fazerem ouvidas, são partes fundamentais da construção coletiva do cotidiano que ambienta as memórias, as reflexões do eu e as denúncias do sistema manicomial como um todo. Em *Hospício é Deus: diário I*, a autobiografia atua como um gênero discursivo que, do particular para o coletivo, registra, como uma alternativa aos discursos patriarcais, as perspectivas femininas diante de sua própria realidade.

a escrita autobiográfica como forma de resistência

Conforme ressalta Zinani e Polessso (2010), a literatura feminina foi, por muito tempo, uma literatura de margem:

É realmente necessário discutirmos a violência aplicada à subjetividade feminina numa sociedade de arranjos patriarcais. Portanto, um olhar a partir da margem é urgente. E o que seria essa margem? Nas relações de gênero, assimétricas e de dominação, o que não é masculino assume uma posição marginal (ZINANI; POLESSO, 2010, p. 100).

De fato, apesar de ocupar o lugar de sujeito na escrita de seu diário autobiográfico, como discutido anteriormente, Maura Lopes Cançado, assim como suas duas publicações literárias, permaneceram à margem. Em 1993, aos 63 anos, Maura morreu esquecida. Diagnosticada com doença pulmonar obstrutiva crônica, já não escrevia mais.

Até que, em 2015, cinquenta anos após o seu lançamento no mercado editorial, a editora Autêntica relançou *Hospício é Deus: diário I e O sofredor do ver* em box de edição especial, reavivando o interesse dos leitores e da academia por sua escrita e pelas temáticas relacionadas à loucura e seus desdobramentos na Reforma Psiquiátrica brasileira. O hiato de cinquenta anos entre a publicação e o reconhecimento da importância de Maura para a história da literatura brasileira, principalmente no tocante ao desenvolvimento do gênero autobiográfico, deve-se, sobretudo, à marginalização da mulher enquanto sujeito no discurso literário, citada por Zinani e Polessso em *Da margem: a mulher escritora e a história da literatura* (2010).

Vale ressaltar que, na transição da década de 50 para a década de 60, o movimento feminista encontrava-se suspenso entre os fins de sua primeira onda, aquela que lutou pelo sufrágio universal, e a gênese da segunda onda, que trataria

com mais afinco das questões de gênero propriamente ditas, inclusive, o conceito de *condição*. Ou seja, em 1965, data da publicação da primeira edição de *Hospício é Deus: diário I*, as mulheres ainda não contavam com um feminismo totalmente estruturado para que a *ambivalência sujeito-objeto* fosse válida para todos os indivíduos, o que restringia – e, muitas vezes, restringe, no presente – as mulheres, sobretudo as pacientes dos hospitais psiquiátricos que eram duplamente descredibilizadas, tanto pelo gênero, quanto por seu diagnóstico psiquiátrico, à condição de objetos passivos e necessários para a perpetuação de um sistema patriarcal.

Ainda que tivesse a oportunidade de lançar um livro em formato de diário autobiográfico, ocupando o lugar de sujeito que narra os acontecimentos, as memórias do cárcere de Maura Lopes Cançado não tiveram, na sociedade brasileira, o mesmo impacto que outras narrativas memorialísticas masculinas publicadas à época. No entanto, registrar suas memórias, narrar a si mesma e apresentar o seu entorno a partir de sua própria perspectiva permitiu que Maura demonstrasse, ainda que de maneira póstuma, a força e a importância do gênero autobiográfico para que a literatura cumprisse o papel de expandir a visão de mundo do leitor, não o restringindo aos pontos de vista contextualmente hegemônicos, de tal modo que as escritas femininas de si possam ser vistas como um aspecto potencializador da equidade discursiva de gênero.

Dessa forma, pode-se dizer que a escrita autobiográfica, sobretudo aquela produzida por mulheres, é uma forma de resistir ao apagamento precoce e ao desaparecimento do ponto de vista feminino na estruturação da literatura brasileira, uma vez que fornece, em uma confluência entre o real e a ficção, a compreensão e a interpretação do mundo e das relações sociais a partir da ótica de um gênero que, historicamente, foi alvo de opressões e silenciamentos.

No dia 27 de dezembro de 1959, Maura relata a chegada de um *bureau* em seu quarto no Hospital Gustavo Riedel, afirmando estar feliz por ter onde apoiar o braço e não mais precisar escrever no colo. Neste momento, há em sua fala um certo temor em relação às demais pacientes.

Abrindo a porta do quarto, vi-o em frente, tomando grande parte do aposento – solene e negro: o *bureau*. A seu lado, a cama parecia insignificante, banal. O *bureau* austero, me fazendo parar perplexa à porta, mesmo modesta demais, como não ousando. O que iriam dizer essas pessoas? Já implicam tanto comigo. Afinal, é mesmo demais para mim – esperava uma mesinha discreta e séria. Apenas, dr. A (CANÇADO, 2015, p. 124).

Ela declara abertamente, em algumas passagens de seus escritos, que o *status* de escritora lhe atribuía certas regalias das quais as demais pacientes não desfrutavam. O fato de estar, continuamente, escrevendo um diário, fazia com que a equipe médica do hospital psiquiátrico ouvisse suas críticas e denúncias com maior afinco, tornando possível o diálogo e a reflexão diante de algumas ações que, posteriormente, seriam intensamente

debatidas durante as manifestações a favor da Reforma Psiquiátrica (VOLCEAN, 2019, p. 55).

O perfil sociológico, suas raízes fincadas na aristocracia rural mineira e sua busca pelo contato com classes sociais distintas são fatores que justificam seu desejo de escrever sobre a vida de sujeitos substancialmente dissemelhantes, bem como o anseio por difundir suas denúncias contra o sistema manicomial, atuando como porta-voz de uma classe com restrito poder de fala e, assim, transformando a sua *condição* moral de mulher para uma na qual fosse também sujeito detentor da narrativa, conforme apresentado anteriormente (VOLCEAN, 2019, p. 68).

De acordo com Musilli (2014), Maura pode ser comparada a uma repórter que vivia no hospício e, por meio de sua escrita, noticiava o que se passava lá dentro, além de provocar reflexões que só poderiam ser incitadas por alguém que experimentasse a clausura manicomial de dentro para fora:

12-2-1960 [...] Fui hoje ao pátio com Isabel. Não creio que a descrição do inferno, na Divina comédia de Dante, possa superá-lo. Ocorreu-me quando estava lá, pensar na tranqüilidade dos cemitérios. A toda família é tolerável e às vezes confortador visitar o tumulo de um parente. Mas é proibido entrar no pátio de um hospício. Nenhuma família resistiria, estou certa. [...] Até quando haverá pátios? Mulheres nuas, mulheres vestidas – mulheres. Estando no pátio não faz diferença. Mas esta mulher, rasgada, muda estranha, um dia teria sido beijada. Talvez um bebê lhe sorrisse e ela o tomasse no colo, por que não? Não aceito nem comprehendo a loucura. Parece-me que toda a humanidade é responsável pela doença mental de cada indivíduo. [...] Que fazer para que todos lutem contra isto? Não acho que os médicos devam conservar ocultos os pátios dos hospícios. Opto pelo contrário; só assim as pessoas conheceriam a realidade lutando contra ela. ENTRADA FRANCA AOS VISITANTES: não terá você, com seu indiferentismo, egoísmo, colaborado para isto? Ou você, na sua intransigência? Ou na sua maldade mesmo? Sim, diria alguém, se pudesse: recusaram-me emprego por eu ter estado antes internado num hospício. Sabe, ilustre visitante, o que representa para nós um rejeição? Posso dizer: representa um ou mais passos para o pátio (CANÇADO, 2015, pp. 147-148).

Há, em muitas passagens do diário, um apelo à leitura e à escrita como referenciais estabilizadores da realidade. Maura afirma que, quando está escrevendo sobre si mesma e sobre os acontecimentos vivenciados ao longo do dia no hospital psiquiátrico, consegue organizar seu discurso de forma a legitimar sua busca interna, marcada pela necessidade de delimitações identitárias, e externa, pautada nas críticas do sistema manicomial ao qual estava inserida.

Conforme apresentado no trecho a seguir, a escrita autobiográfica abriu rupturas para além da garantia da *ambivalência sujeito-objeto* em indivíduos do sexo feminino. Escrevendo sobre si e sobre a dinâmica de relações interpessoais que se entrelaçavam ao seu redor, Maura Lopes Cançado encontrou um caminho para resistir ao processo de objetificação da mulher, o qual é extremamente importante e indispensável para que se mantenha as estruturas de uma sociedade patriarcal à qual não é vantajoso que haja igualdade entre os gêneros.

Se me tornar escritora, até mesmo jornalista, contarei honestamente o que é um hospital de alienados. Propalam uma série de mentiras sobre estes hospitais: que o tratamento é bom, que tudo se tem feito para minorar o sofrimento dos doentes. E eu digo: É MENTIRA. Os médicos permanecem apenas algumas horas por dia nos hospitais, e dentro dos consultórios. Jamais visitam os refeitórios. Jamais visitam os pátios. O médico aceita, por princípio, o que qualquer guarda afirma. Se é fácil desmentir um psicopata, torna-se difícil provar que ele tem razão. Em prejuízo de um considerado “não psicopata”. Que é um caso a estudar: as guardas deste hospital são quase todas loucas. Ou oligofrênicas (CANÇADO, 2015, p. 49).

Ao driblar a restrição do papel social de objeto, transformando sua *condição* de mulher por meio da escrita e denunciando os abusos do sistema manicomial ao qual estava inserida, Maura Lopes Cançado atribui ao gênero autobiográfico uma função ainda não descrita pelos teóricos tradicionalistas, em sua maioria homens, que trouxeram o termo *autobiografia*, com mais intensidade na década de 70, ao âmbito acadêmico. Portanto, neste caso, o diário autobiográfico *Hospício é Deus: diário I* (1965) mostra-se como uma produção literária capaz de quebrar o paradigma de que assuntos relacionados ao cotidiano e à vida pessoal de uma mulher não interessam à sociedade como um todo.

considerações finais

Pode-se ler *Hospício é Deus: diário I* (1965) a partir de diversas chaves de leitura. A narrativa autobiográfica de Maura Lopes Cançado serve tanto àqueles curiosos pela vida da autora, detendo-se aos trechos em que narra episódios e reflexões sobre si mesma, quanto aos interessados em um contexto mais amplo, o sistema manicomial brasileiro, a partir da perspectiva de alguém que o viveu na própria pele.

Para além destas duas possibilidades, há, ainda, a leitura proposta neste artigo, que evidencia as questões de gênero e, mais especificamente, da *condição* de mulher, conforme conceito proposto por Simone de Beauvoir. Neste caso, a partir de um recorte de gênero, a escrita em primeira pessoa, tomando como ponto de partida para os caminhos analíticos desta hipótese o diário autobiográfico de Maura Lopes Cançado, não se limita às classificações e estabilizações enunciativas de um

gênero do discurso, mas, passa a ser vista como uma forma de resistência ao apagamento precoce da mulher na sociedade.

Ao aderir à autobiografia, Cançado inicia uma busca identitária por meio da organização de suas memórias, vivências e experiências em um determinado período de tempo. No entanto, em seu diário, não se limita a descrever apenas a si mesma, enfatizando que a sua realidade é, na verdade, composta por um apanhado de indivíduos com os quais interage dia a dia.

Tornando-se sujeito social ativo de sua própria narrativa em primeira pessoa, a autora transforma a *condição* na qual se encontrava, juntamente com todas as mulheres objetificadas ao seu redor, nunca submetidas à *ambivalência sujeito-objeto*.

Em um hospital psiquiátrico, a intersecção entre gênero e loucura tornava os discursos ainda menos críveis e relevantes. No entanto, a escrita autobiográfica permitiu tal transformação supracitada, possibilitando à Maura Lopes Cançado desfrutar da ambivalência proposta por Beauvoir, abandonando o restrito papel social passivo de objeto, ao qual estavam submetidas suas companheiras de cárcere, para ocupar um *status* que a permitiu denunciar os abusos de um sistema que, mais tarde, seria combatido por uma reforma a nível nacional. Além disso, ter acesso à *ambivalência sujeito-objeto* abriu brechas na estrutura social patriarcal para que as reflexões e inquietações de uma mulher pudessem extrapolar a esfera privada, adentrando o debate público ao lado de outras narrativas autobiográficas produzidas por autores homens.

Dessa forma, ao incitar o diálogo entre um dos conceitos-chave d'*O segundo sexo* (2009) e a obra *Hospício é Deus: diário I* (1965), conclui-se que a escrita autobiográfica de Maura Lopes Cançado pode ser tomada como exemplo de como a autobiografia, enquanto gênero do discurso, pode ser utilizada como ferramenta de transformação das estruturas sociais às quais estamos inseridos, possibilitando à mulher daquele “eu” o acesso à *ambivalência sujeito-objeto*, e da dinâmica das relações interpessoais, sobretudo aquelas que perpetuam a hierarquização da sociedade a partir de uma perspectiva de gênero.

Se o diário de Maura Lopes Cançado nunca tivesse sido escrito e, consequentemente, publicado, talvez, demoraríamos a ter acesso àquela realidade manicomial e, com isso, o debate complexo e amplo em torno da Reforma Psiquiátrica no Brasil fosse postergado. Além disso, *Hospício é Deus: diário I* (1965) inaugurou uma nova fase para a autobiografia feminina no cenário brasileiro, abrindo espaço para que outras histórias de vida escritas em primeira pessoa, a partir de uma perspectiva feminina, pudessem existir sem carregar o fardo da superficialidade e futilidade que lhes foi atribuído pelo patriarcado.

referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. *Literatura e Metafísica*. In: *O existentialismo e a sabedoria das nações*. Tradução de Bruno da Ponte e Manuel de Lima. Lisboa: Editorial Minotauro, 1965.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: diário I*. São Paulo: Autêntica Editora, 2015.

COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CUSTÓDIO, Márcia Moreira. *Literatura e loucura: a carnalidade da loucura de Maura Lopes Cançado em Hospício é deus*. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos Literários), Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, 2014.

KIRKPATRICK, Kate. *Simone de Beauvoir: uma vida*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom de. *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. Revista USP: Direitos Humanos no Limiar do séc. XXI, n. 37, São Paulo, 1998.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2008.

LEJEUNE, Philippe. *L'autobiographie en France*. 2. ed. Paris: Armand Colin, [1971] 1998a.

SMITH, Sidonie. *Subjectivity, identity and the body: women's autobiographical practices in the twentieth century*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1993.

VOLCEAN, Tamiris Tinti. *Narrativas autobiográficas: uma análise comparativa entre a obra Hospício é Deus: diário I (1965) e o documentário audiovisual Santiago (2007)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da FAAC (UNESP), 2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; POLESSO, Natalia Borges. *Da margem: a mulher escritora e a história da literatura*. MÉTIS: história & cultura, v. 9, n. 18, pp. 99-112, jul./dez. 2010.